Nº 289
IGREJA E APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL

O AMOR POR PRINCÍPIO E A ORDEM POR BASE;
O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem. *Viver às claras.*

A apreciação positivista dos atentados políticos e da sua repressão atual

A PROPÓSITO DOS LUTUOSOS ACONTECIMENTOS ULTIMAMENTE OCORRIDOS NA ESPANHA

Lamentamos não poder deixar passar sem a mais categórica negativa a imprevista pergunta hoje formulada pelo cidadão Reis Carvalho, em um artigo publicado na seção ineditorial do *Jornal do Commercio*, sobre a execução de Ferrer. Corre-nos esse dever tanto mais quanto a aludida pergunta parece querer apoiar-se em uma passagem do *Esboço Biográfico de Benjamin Constant*, em que apreciamos a insurreição comunista de Paris, em 1871.

Eis o trecho do artigo a que nos referimos:

"Que admira, pois, pergunta o eminente biógrafo do Fundador da República Brasileira, que os proletários imitem os patrões e os governos, seus dominadores, em suma, e tratem de usar em proveito próprio dos processos violentos que veem empregados contra si? Por que razão nos havemos de indignar contra os esforços materiais tirados pelos comunistas e aplaudir as atrocidades mandadas praticar pelos Thiers? Pois os crimes do desespero não mereceram sequer a compaixão, quando as perversidades do gozo provocam entusiasmo?

Perguntamos nos agora: os crimes do despotismo espanhol não *justificam* os massacres da Catalunha, e amanhã a execução de Maura ou Alfonso XIII não se explica, *não se justifica mesmo*, com o fuzilamento de Ferrer?

Certo que sim..."

Contestamos em todos os pontos semelhante afirmativa. Os criminosos podem inspirar piedade. Um crime pode concorrer como *uma* das circunstâncias determinantes de outros crimes. Mas daí não se conclui que *um crime justifique outros*.

Portanto, fossem quais fossem os erros e culpas do governo espanhol, esses erros de culpas não podem ser invocados para *justificar* os erros e culpas porventura praticados pelos insurgentes da Catalunha. Da mesma sorte que os erros e culpas desses insurgentes não podem *justificar* os erros e culpas posteriores do governo espanhol.

A verdade é que os erros e culpas, de parte a parte, estimulando os instintos egoístas e as aberrações intelectuais, constituem, de parte a parte, circunstâncias que contribuem para erros e culpas. O que prova irrecusavelmente que esses erros e culpas não se *justificam* mutuamente. Longe disso, a teoria positiva da natureza humana, social e pessoal, demonstra que urge cessar, de parte a parte, toda a violência, instigadora geral de crimes. Segundo a sentença de Augusto Comte, *a ordem não pode deixar de ser retrógrada, enquanto o progresso não deixar de ser anárquico.*

O trecho citado do *Esboço Biográfico de Benjamin Constant*, cuja responsabilidade exclusiva me cabe aliás, conforme está declarado no *prefácio* (p. XIII), não permite outra inteligência. E podemos acrescentar que em nenhuma das publicações do Apostolado Positivista do Brasil se encontra coisa alguma em contrário do que acabamos de afirmar.

Transcrevemos em seguida a carta que ontem dirigimos ao Sr. Manuel Moscoso, acerca dos acontecimentos lutuosos ultimamente ocorridos na Espanha.

Pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil,

R. TEIXEIRA MENDES,
Vice-Diretor

Em nossa sede, Templo da Humanidade, rua Benjamin Constant, nº 74.
Rio, 10 de Descartes de 121, (17 de outubro de 1909)

(Publicado na seção ineditorial do *Jornal do Commercio* de 21 de julho de1909)

Rio, 9 de Descartes de 55/121, (16 de outubro de 1909).
Ao Sr. Manuel Moscoso, Capital Federal.

Meu caro Sr. Manuel Moscoso,

Recebi ontem à noite a vossa angustiosa carta da mesma data, em nome da comissão promotora de um protesto contra os desumanos acontecimentos de que, há alguns meses, está sendo teatro a Espanha. Agradecendo-vos cordialmente e aos vossos companheiros a benevolência desta comunicação e a simpatia com que exprimis o desejo

de conhecer a nossa opinião, apresso-me em expor-vos sumariamente o que penso serem os ensinos da Religião da Humanidade.

Acreditamos que a principal responsabilidade neste lutuoso episódio cabe ao governo espanhol, já pela atitude geral retrógrada em que se acha, já sobretudo pelo criminoso atentado contra Marrocos, que deu especialmente ensejo ao recente desencadeamento das paixões retrógrado-revolucionárias, já pela violência da repressão dos vencidos.

É de fato extremamente desumano tratar-se, em uma época de completa subversão de todos os princípios políticos e religiosos, aos vencidos de uma insurreição social, como se fossem criminosos vulgares. Isso é tanto mais reprovável quanto à secular experiência da Humanidade já patente ou de sobejo que mesmo a crueldade dos castigos é inteiramente ineficaz para evitar no futuro semelhantes explosões, e só serve para entreter as solicitações mais deploráveis da cobiça, da destrutividade, do orgulho e da vaidade. Se é condenável que, na ferocidade na loucura das lutas, civis ou internacionais, os partidos e os povos se dilacerem, como conceber que, suplantado um dos contendores, os triunfadores do momento se transformem em algozes dos vencidos, por mais dolorosos que tenham sido os excessos das paixões em delírio.

Pelo contrário, urge então reconhecer, com sincera humildade, que semelhantes catástrofes são o resultado das culpas e erros cuja responsabilidade se distribui, mais ou menos, por todos os contemporâneos, tanto governantes como governados, cabendo mesmo, em geral, uma máxima parte às classes dominantes. Vencidas as insurreições, devem lembrar-se todos, vencidos e vencedores, da incorruptível Posteridade que os julgará definitivamente, e a clemência dos vencedores deve juntar-se à reparação dos erros e culpas que motivaram a luta fratricida.

Assim, no caso vertente, o dever do do governo espanhol era reconhecer o crime que representa a invasão do Marrocos; fazer fazer desde logo uma paz leal com os muçulmanos; conceder uma anistia plena aos revoltosos que não fossem réus de crimes vulgares; punir os réus de crimes vulgares segundo os processos ordinários; e instituir, no interior, a série de reformas liberais que Augusto Comte já aconselhou aos governos ocidentais, há mais de meio século, como o único meio de pôr termo, pacífico e pronto, à revolução em que se acha a sociedade moderna, desde o décimo quarto século.

Devemos, porém, confessar, com extrema dor, que o governo espanhol, como os demais governos ocidentais teria já adotado essa norma de conduta, se, em Paris, as classes dominantes e a parte ativa do proletariado não se conservassem ainda vítimas das

aberrações metafísico-democráticas. Eis por que a Posteridade atribuirá a responsabilidade do episódio que todos deploram, não só ao governo espanhol, mas também é o conjunto da situação moderna, que, por toda a parte, mostra-se eivada de preconceitos opressivos. É nesses preconceitos que se originam quer os atos tirânicos dos governos e os furores das insurreições, quer as devastações coloniais, conforme o exemplo do atentado contra Marrocos e suas cruéis consequências na Espanha.

Constatando, pois, a responsabilidade dos governantes, cumpre não olvidar a dos governados, representados pelo conjunto dos espíritos ativos, tanto retrógrados, como revolucionários. E nesse número serão contados os que hoje, conhecedores do Positivismo, abandonou os ensinos de Augusto Comte, em vez de esclarecer os seus contemporâneos transviados.

Saber que a religião da humanidade estigmatiza invariavelmente todo o recurso aos processos militares, quer por parte dos dominadores, quer por parte dos dominados. Urge que o proletariado encerre para sempre a época das pelejas, renunciando por completo a todos os

preconceitos militares, isto é, à crença, por mínima que seja, não só na onipotência da força material, porém mesmo na sua eficácia social por um tempo qualquer ainda. Depois que o altruísmo já patenteou a sua aptidão incomparável, permitindo a construção da poesia, da ciência, e da indústria, através de uma evolução empírica e cega, a ninguém mais é lícito esperar das guerras, internacionais ou civis, o que só a paz é suscetível de proporcionar. Mártires embora, é unicamente a resistência passiva — corajosa, prudente e firme — que hoje os que sinceramente trabalham pela regeneração social devem opor aos seus contemporâneos vitimados pela retrogradação e a desordem.

Cumpre mesmo não esquecer que nos tornamos, até certo ponto, cúmplices das atrocidades praticadas pelos dominadores, se não estimulamos as suas paixões egoístas e as suas aberrações intelectuais mostrando-nos pouco confiados no prestígio do amor e da razão e ainda esperançados no emprego dos processos militares.

Parece-nos que essas considerações são suficientes para mostrar-vos que os discípulos de Augusto Comte gemem, neste momento, sob as desgraças que enlutam a Espanha, o Ocidente e a Terra, tanto mais quanto sabem que os sofrimentos das Famílias, das Pátrias, e da Humanidade só terão um fim mediante a conversão sincera de um núcleo

de almas, sobretudo populares, especialmente femininas, ao Positivismo. E, para conseguir esse resultado, *nós só carecemos hoje de amor, mas amor, e sempre amor.*

Todo vosso, no amor, na fé, e no serviço da Humanidade.

RAIMUNDO TEIXEIRA MENDES
Rua Benjamin Constant, 120.

II

Infelizmente a explicação que o cidadão Reis Carvalho publica hoje na seção ineditorial do *Jornal do Commercio*, parece-nos em desacordo com os ensinos do Mestre que ambos aceitamos. Cremos, porém, desnecessário insistir, à vista das considerações recordadas no nosso artigo da véspera.

Pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil,

R. TEIXEIRA MENDES,
Vice-Diretor.

Em nossa sede, Templo da Humanidade, rua Benjamin Constant, nº 74.
Rio, 12 de Descartes de 121, (19 de outubro de 1909)

(Publicado na seção ineditorial do *Jornal do Commercio* de 18 e 20 de julho de1909)